



**IIº SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**  
03 a 06 de junho de 2013

Eixo Temático 3 – Indústria e Infraestrutura no litoral: contextos e conflitos

## **REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA BAÍA DE SEPETIBA E OS IMPACTOS NA PESCA ARTESANAL**

Rodrigo Corrêa Euzebio

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Formação de  
Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
euzebiogeo@gmail.com

### **Resumo**

A baía de Sepetiba, situada na região metropolitana do Rio de Janeiro, vem passando por grande processo de reestruturação produtiva. Naquela região já existiam diversas indústrias, mas, desde a primeira década dos anos 2000, estamos presenciando a intensificação de atividades, apontadas por pescadores que trabalham nesta área como responsáveis por uma série de impactos socioambientais. Estes impactos ameaçam o modo de vida dos pescadores artesanais, pois prejudicam a boa prática pesqueira. Portanto, apresentaremos neste trabalho dados que evidenciam a reestruturação produtiva na baía de Sepetiba e os possíveis impactos reclamados pelos pescadores artesanais.

Palavras-chave: Reestruturação Produtiva, Pesca Artesanal, Baía de Sepetiba.

### **INTRODUÇÃO**

Neste trabalho, faremos uma análise das mudanças no espaço geográfico da baía de Sepetiba, provocadas pelo processo de reestruturação produtiva. Este é um processo que tem se acentuado desde a primeira década dos anos 2000, sobretudo a partir da implantação da ThyssenKrupp Companhia Siderúrgica do Atlântico - TKCSA, em 2006. Acrescentamos ainda, o projeto do “Porto Sudeste”, que se trata de um complexo industrial e portuário, que vem sendo construído para dar apoio de logística a produção de minério nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Os dados apresentados neste trabalho foram obtidos por meio de entrevistas com o presidente de uma entidade que representa pescadores na Baía de Sepetiba, além de entrevistas com outros pescadores e moradores da Pedra de Guaratiba e Ilha da Madeira. Para tanto, foram realizados trabalhos de campo, sendo feita também a marcação com

GPS da localização de pontos referentes às comunidades de pescadores, locais de embarque e desembarque da pesca artesanal e alguns empreendimentos que vem se instalando na Baía de Sepetiba.

O objetivo deste trabalho é analisar como as mudanças espaciais, decorrentes do atual modelo de desenvolvimento, impactam no modo de vida dos pescadores artesanais da baía de Sepetiba. Desta forma, pretende-se dialogar com o movimento de resistência engendrado por pescadores artesanais da Baía de Sepetiba, compreendendo os sentidos que os levam a defender seus territórios.

Este trabalho contribui para a discussão sobre os espaços costeiros no Brasil, pois se refere aos impactos causados por um modelo de desenvolvimento sobre comunidades tradicionais de área costeiras, fatos que se repetem em diferentes lugares e momentos da história do país. Portanto, analisaremos primeiro a reestruturação produtiva na baía de Sepetiba, para depois discutirmos os impactos na pesca artesanal.

## **REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA BAÍA DE SEPETIBA**

A baía de Sepetiba, situada na região metropolitana do Rio de Janeiro, vem passando por grande processo de reestruturação produtiva. Naquela região já existiam diversas indústrias, mas, desde a primeira década dos anos 2000, estamos presenciando a intensificação de atividades que impõem uma série de impactos socioambientais. De um modo geral, percebemos que as novas atividades industriais que vem sendo implantadas estão ligadas ao aumento da produção de minério de ferro, e seu respectivo aumento de exportação, o que faz da baía de Sepetiba uma área estratégica, no que diz respeito à logística.

Antes de analisarmos mais afundo a reestruturação produtiva na baía de Sepetiba, devemos analisar a totalidade na qual este processo está inserido, pois não podemos entendê-lo separado do sistema-mundo. Neste sentido, destacaremos alguns dados sobre a produção e exportação de minério de ferro no Brasil nos últimos anos, que nos possibilitará compreender a lógica que comanda esta reestruturação.

Com o aumento da demanda por minério de ferro de países da Ásia como China e Japão, além de outros países europeus como Alemanha e França, o Brasil tem

Eixo Temático 3 – Indústria e Infraestrutura no litoral: contextos e conflitos

empreendido grandes investimentos para aumentar a sua produção mineral e em infraestrutura de logística, visando às exportações. Os dados do Instituto Brasileiro de Mineração - IBM (2012) indicam um aumento significativo dos investimentos neste setor, com perspectivas de aumento nos próximos anos.

Quadro I: Expansão do Setor Mineral no Brasil



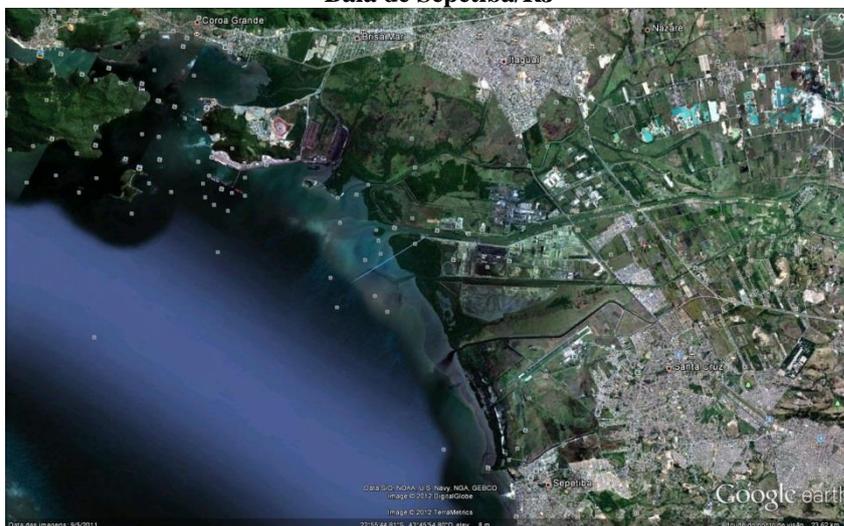
Fonte: Instituto Brasileiro de Mineração - IBM, 2012.

O fato de o Brasil possuir algumas das maiores reservas de minério de ferro do mundo, sobretudo nos estados de Minas Gerais e Pará, faz com que o país seja alvo de investimentos de diversas empresas interessadas em explorar estes recursos para obterem vultosos lucros no mercado global. Desta forma, o país já ocupa a posição de segundo maior produtor de minério de ferro do mundo, ficando atrás apenas da Austrália (IBM, 2012).

Neste sentido, fica muito claro o caráter moderno-colonial (GONÇALVES, 2006) do desenvolvimento brasileiro, que preserva como principal característica a exploração das pessoas e do meio físico. A forma como este desenvolvimento se realiza revela ainda a existência de um sistema-mundo, onde a exploração da natureza, o que inclui as pessoas, de países como o Brasil é um componente fundamental. A exploração das reservas minerais do país, mesmo com toda espécie de problemas socioambientais que esta tarefa impõe, é indispensável para o funcionamento de um mundo moderno.

É na esteira do desenvolvimento moderno-colonial, que ocorre a reestruturação produtiva na baía de Sepetiba. Por ser um componente geográfico eficiente para o funcionamento da atividade portuária, e pela existência de infraestrutura construída em outros momentos (décadas de 1970 e 1980), a baía de Sepetiba é uma área estratégica para a instalação destes novos empreendimentos (principalmente no bairro de Santa Cruz - município do Rio de Janeiro, e no município de Itaguaí, mais precisamente próximo à Ilha da Madeira – Mapa I).

**Mapa I: Imagem de satélite do bairro de Santa Cruz e da Ilha da Madeira – Baía de Sepetiba/RJ**



Fonte: Imagem obtida do Google Earth em maio de 2011.

Cabe mencionar que naquelas localidades, já desde as décadas de 1970 e 1980, houve a instalação de diversas indústrias. Como exemplos, podemos citar a Casa da Moeda, a usina de FURNAS, a Companhia Ingá, além do Porto de Sepetiba. Parte da área litorânea do bairro de Santa Cruz é delimitada pela prefeitura do Rio de Janeiro como zona industrial, aquela área abriga diversas indústrias instaladas por entre as décadas mencionadas.

No entanto, podemos falar de um novo momento de reestruturação e modernização na Baía de Sepetiba. Conforme explicam os pescadores e moradores de localidades às margens da baía de Sepetiba, este novo momento se iniciou principalmente com a instalação da Companhia Siderúrgica do Atlântico - TKCSA. Entrevistamos o presidente de uma entidade que representa pescadores na Baía de

Sepetiba, que nos contou como se deu este processo, na época em que a TKCSA começou a se instalar na região. Para preservar a identidade do entrevistado, o chamaremos de “líder dos pescadores”:

“Quando chegaram aqui foi encontrado um governo totalmente favorável para os interesses deles. Esse governo foi daquele casal de Campos totalmente favorável aos interesses deles. Antes de chegarem aqui foi contratada uma empresa da assessoria realizado o levantamento das entidades de pesca do entorno da baía de identificaram e as lideranças das associações que poderiam ser comparadas. Foram diretamente nessas pessoas e quando a empresa quando chegaram todos estavam comprados. Sendo que muitos associados estão nesses processos que movemos contra as empresas, entretanto, a diretoria não. Quem leva o dinheiro é a diretoria. Os pescadores não têm contato com o dinheiro. Onde estamos havia uma ilha conhecida como Ilha da Cruz que ainda é encontrada na carta náutica, mas, não existe. Havia lá um excelente pesqueiro.” (Trecho da entrevista concedida pelo líder dos pescadores ao Núcleo de Pesquisa e Extensão Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas. Setembro/2011)

Este relato nos leva a pensar nas estratégias que empreendimentos deste porte adotam para conseguirem seus objetivos. Neste sentido, concordamos com Santos (2008) quando diz que a força produtiva de uma corporação vai além da estrutura dentro dos muros da fábrica, mas abrange sua capacidade de articulação política. O que Santos (2008) nos chama atenção, e o relato do líder dos pescadores nos explicita, é que mudanças desta natureza não ocorrem sem que antes haja uma equivalente articulação política.

No início deste capítulo, chamamos a atenção para o fato de que estas transformações que ocorrem na baía de Sepetiba não são fatos isolados, e que os dados aqui expostos comprovam que há uma tendência de grandes investimentos na exploração de minérios, não só pelo setor privado, mas também pelo Estado. Também tem sido frequentes discursos de governantes do estado e municípios do Rio de Janeiro no sentido que estão agindo em parceria com o governo federal, e que esta parceria viabiliza as melhorias para os municípios e estado. O que podemos perceber é que as ações desenvolvimentistas do governo federal, assim como as estratégias políticas dos

governos estadual e municipais do Rio de Janeiro se aliam ao desejo de grandes corporações em seus objetivos globais.

Gonçalves (2006) chama a nossa atenção para a existência de um sistema mundo moderno-colonial, noção que não pode nos escapar se quisermos compreender a lógica da exploração da natureza, em seu sentido mais amplo, no atual período da globalização. O autor nos alerta para o perigo de analisarmos a modernidade, esquecendo que esta se dá dentro de um sistema mundo, e que, portanto, envolve todo um sistema de exploração das pessoas e dos recursos naturais de países da América Latina, África e Ásia. Este alerta é fundamental para o nosso trabalho, pois nos fornece um argumento poderosíssimo para analisarmos criticamente o discurso modernizante presente no desenvolvimento e na reestruturação do espaço geográfico brasileiro.

O modelo de desenvolvimento que vem sendo colocado em prática no Brasil neste início de século XXI, apresenta a ideia de modernização do espaço geográfico brasileiro. Neste caso, os discursos se orientam no sentido de conduzir para o imaginário social o desejo de se atingir o nível de países como Estados Unidos, Alemanha, França, etc. Como se o Brasil, ao modernizar-se estivesse caminhando, ou crescendo, para chegar ao mesmo status de modernização destes países. Gonçalves (2006) chama a nossa atenção para a permanência da colonialidade do pensamento:

Na América Latina e no Caribe a colonialidade sobreviveu ao colonialismo, por meio dos ideais desenvolvimentistas eurocêntricos ocupando os corações e mentes das elites *criollas*, brancas ou mestiças nascidas na América.  
(GONÇALVES, 2006, pág. 49)

Esta colonialidade do pensamento possibilita a instalação de uma série de atividades hegemônicas que, conforme explica Santos (2008), possuem relações estranhas aos sujeitos dos lugares. Neste período, denominado por Santos (2008) de meio técnico-científico-informacional, se aceleram os usos de técnicas que visam artificializar a natureza, ao mesmo tempo em que afastam o homem da sua relação originária com o meio natural:

Nesse mundo, a primeira natureza que conta já não é a natureza natural, mas sim a natureza já artificializada. A produção depende do artifício, subordinando-se aos determinismos do artifício. A produção já não é definida como trabalho intelectual sobre a natureza natural, mas como trabalho

Eixo Temático 3 – Indústria e Infraestrutura no litoral: contextos e conflitos

intelectual vivo sobre o trabalho intelectual morto, natureza artificializada.  
(SANTOS, 2008, pág. 41)

Com o advento do meio técnico-científico-informacional as distâncias entre quem determina as técnicas é cada vez maior de quem as executa. As técnicas industriais têm como objetivo a produção, neste sentido Bernardes & Ferreira (2007) observam as técnicas artificializam cada vez mais os homens. Os autores recorrem a Marx para falar do aumento do valor de troca do espaço em detrimento do valor de uso. Na lógica capitalista, os espaços possuem valor pela presença de recursos, humanos ou físicos, convenientes para a acumulação industrial Bernardes & Ferreira (2008). Esta é a premissa da modernização, e comprova que Gonçalves (2006) tem razão quando atribui a força do imperialismo e neoliberalismo nos países explorados à colonialidade do pensamento. Pois, *como a modernidade pode trazer melhoras na qualidade de vida em países como o Brasil, se ela é fruto de um sistema mundo em que o Brasil participa como explorado?*

Sobre o imperialismo e neoliberalismo que aparecem com feições da globalização, cabe destacar que no Brasil se realizam com parcerias entre os setores privados e as esferas do Estado. Neste caso, vale uma importante contribuição de Ribeiro (2011), as ações hegemônicas que se realizam no território são estratégicas, ou seja, estabelecem vínculos com o Estado e com outras elites. Estas ações partem da redução do sentido espontâneo dos sujeitos ao jogo estratégico de dominação do território:

O predomínio da ação estratégica comparece, com cada vez mais clareza, no desenho das políticas públicas traçadas para o Rio de Janeiro. Os processos de convencimento que acompanham essas políticas, apoiam-se em reduções do espaço ao território e na redução da ação considerada eficaz à ação estratégica. Em vez da ação que preserva a espontaneidade e que procura compreender o Outro e suas circunstâncias, adotam-se intervenções que buscam a rendição do Outro, envolto ideologicamente nas propriedades consideradas mais relevantes de determinado território. (RIBEIRO, 2011, pág. 27)

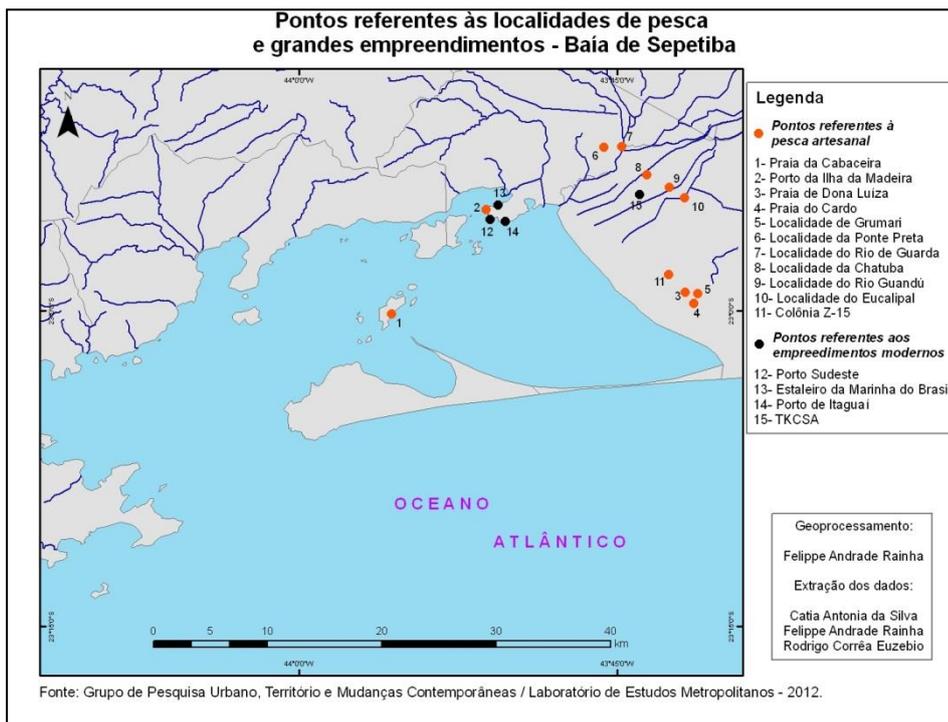
Na Baía de Sepetiba, as ações estratégicas manifestam sua força através dos licenciamentos ambientais e autorizações de funcionamento concedidas pelo Estado, bem como a facilitação para as aquisições de terras, isenções tributárias, etc. Estas ações

Eixo Temático 3 – Indústria e Infraestrutura no litoral: contextos e conflitos

se sustentam em dois tipos de justificativa: a alta relevância atribuída aos empreendimentos para a economia nacional, bem como geração de empregos, investimentos em infraestrutura, etc.; e nas políticas compensatórias para as pessoas prejudicadas com os danos causados por tais empreendimentos. Em fim, as ações estratégicas fazem parte de uma forma de produção do espaço que reduz as espacialidades espontâneas e tentam impor, ainda que sem sucesso, uma homogeneidade ao território.

Assim, no mapa II, destacamos três empreendimentos que evidenciam este processo de reestruturação na baía de Sepetiba.

**Mapa II: Mapa com alguns dos novos empreendimentos que vem sendo instalados na Baía de Sepetiba/RJ**



O ponto 15 do mapa é a localização da Companhia Siderúrgica do Atlântico, que se instalou em Santa Cruz, município do Rio de Janeiro, em 2006. O ponto 12 e o ponto 14 representam a localização de dois portos importantes para o escoamento da produção de minério de ferro pela baía de Sepetiba. O ponto 12 é o empreendimento denominado “Porto Sudeste”, que ainda aguarda licenciamento ambiental para começar

a ser construído, este porto segue um conceito de atividade portuária que vem sendo adotado em outras regiões, que é o de abrigar em seus terrenos anexos um grande complexo industrial. Neste caso, será o complexo industrial da empresa LLX. O ponto 14 é o Porto de Itaguaí, administrado pela Companhia Docas do Estado do Rio de Janeiro, que vem sendo ampliado para atender o aumento na demanda de escoamento do minério e também dar suporte ao Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro, que está sendo construído pela Petrobras no município de Itaboraí, também região metropolitana do Rio de Janeiro.

A entrada destes empreendimentos na baía de Sepetiba configura uma reestruturação do espaço geográfico, pois impõe uma série de elementos que dificultam outros usos do território. Estes elementos provocam impactos ambientais desastrosos que afligem a vida das pessoas que moram e trabalham na Baía de Sepetiba.

### **IMPACTOS NA PESCA ARTESANAL**

Pescadores e pescadoras artesanais de diversas partes do Brasil têm se empenhado em uma campanha nacional pela defesa dos territórios pesqueiros. Esta luta ganha cada vez mais força na medida em que crescem a realização de empreendimentos que acarretam diversas modificações que ameaçam o uso de espaços costeiros por estas pessoas.

Na Baía de Sepetiba, o processo de reestruturação produtiva, apresentado nas páginas anteriores, provoca uma série de impactos ambientais que ameaçam o modo de vida dos pescadores artesanais. Estas pessoas sempre estabeleceram uma estreita relação com a natureza e as boas condições ambientais são fundamentais para que mantenham vivas suas práticas, saberes e cultura.

Durante a nossa pesquisa, conhecemos os pescadores da Pedra de Guaratiba e da Ilha da Madeira, localidades que ficam às margens da baía de Sepetiba. São trabalhadores que vivem em condições bastante precárias, não pelo tipo de trabalho que realizam, mas pelas condições ambientais da baía, que desde as décadas de 1970 e 1980 já estavam comprometidas devido aos empreendimentos que ali se instalaram – Gerdau, Casa da Moeda, Companhia Ingá, Fábrica da Michelin, entre outros - e que vem se

agravando desde a primeira década dos anos 2000, com a chegada de novos empreendimentos industriais.

Neste sentido, como parte do esforço de compreender os impactos causados por estes empreendimentos, passamos a analisar os relatórios de impactos ambientais produzidos com a finalidade de obtenção dos licenciamentos ambientais. No quadro II apresentamos um conjunto de impactos que afetam diretamente a pesca artesanal extraído do EIA/RIMA da Companhia Siderúrgica do Atlântico. Destacamos os impactos da TKCSA, devido a este empreendimento já está funcionando e, conforme apontam os pescadores da baía, é o que mais causa impactos na pesca artesanal.

### Quadro II: IMPACTOS DA TKCSA NA PESCA ARTESANAL

<i>Categoria do Impacto</i>	<i>Tipo de Impacto</i>	<i>Grau do impacto</i>
MORADIA	Aquecimento de mercado imobiliário	Alta
	Incremento da ocupação irregular	Moderada
	Pressão sobre a infraestrutura	Alta
	Conflitos de interesse	Alta
	Alteração de relações comunitárias no entorno	Alta
	Aumento do fluxo migratório	Moderada
DANOS AO MEIO FISICO (Água, Ar, manguezais, rios e canais)	Incomodos para a população (tráfego de veículos de carga, ruídos, etc.)	Moderada
	Geração de partículas (Recebimento de carvão, minério, materiais auxiliares)	Baixa
	Geração de efluentes líquidos	Baixa
	Geração de gases diversos	Baixa
	Geração de monóxido de carbono	Baixa
	Emissão de gases de combustão (veículos terrestres)	Baixa
	Emissão de gases de combustão (Produção de vapor)	Alta
	Dissipação da carga térmica	Baixa
Consumo de água - alteração da quantidade de água	Baixa	

	Contaminação do aquífero raso	Baixa
<b>DANOS PARA AS ESPÉCIES DE PESCADO</b>	Alteração na abundancia e composição das espécies (devido a dissipação da carga térmica)	Baixa
	Alteração na abundancia e composição das espécies (devido a geração de efluentes líquidos)	Moderada

Fonte: Estudo de Impacto Ambiental da Usina Siderúrgica CSA. Rio de Janeiro: ERM BRASIL LTDA, 2005. Disponível em <http://www.observatoriodopresal.com.br/?tag=tk-csa> (ultimo acesso em 02/11/2012)

Analisando cuidadosamente os impactos, podemos constatar uma série de mudanças no espaço geográfico, que para os pescadores, configuram grande risco para a permanência de seu modo de vida. Fizemos a disposição dos impactos em três categorias: moradia, danos ao meio físico e danos para as espécies de pescado.

Primeiro, com relação a moradia, estes impactos são mais sentidos pelos pescadores que moram próximo ao empreendimento, neste caso os pescadores da Pedra de Guaratiba, comunidade localizada no bairro Santa Cruz, município do Rio de Janeiro. Os pescadores daquela comunidade relatam os diversos problemas que enfrentam desde a instalação da siderúrgica. Também conversamos com moradores do bairro já que estes impactos afetam diretamente não só os pescadores, mas também os demais moradores. Abaixo o relato de um dos pescadores entrevistados:

“A CSA não realiza impacto somente no mar porem, em toda comunidade de Santa Cruz. Há moradores pedindo clemencia para poderem sair de lá devido à poluição da siderúrgica. Essa poluição provoca uma serie de doenças e muitos dos moradores estão saindo de Santa Cruz por culpa da CSA. Ela se encontra localizada em posicionamento prejudicial. Quando o vento é oriundo do continente leva todo esse material para Santa Cruz. Quando é ao contrario, leva todo esse material para o mar.” (pescador da Pedra de Guaratiba, 2011)

Em segundo lugar, os impactos causados ao meio físico, o que degrada as condições ambientais para a pesca artesanal. Estes trabalhadores realizam suas atividades expostos a uma série de poluentes que causam danos a saúde e tornam este trabalho muito precário. Estes impactos prejudicam a navegação dos barcos, seja nos rios ou nas aguas da baía, em geral são embarcações de pequeno porte do tipo Caíco, com motores pequenos e que não aguentam a sobrecarga necessária para navegar em aguas contaminadas. Estes poluentes na agua também causam prejuízos para as redes de

pesca, que constantemente são danificadas, aumentando o custo para o pescador artesanal.

Por ultimo, destacamos os impactos causados às espécies de pescado, que com a poluição começam a sumir das águas da baía. Os pescadores nos explicam que algumas espécies já não habitam mais a baía de Sepetiba e as espécies que permanecem aparecem em cardumes menores.

Este conjunto de impactos coloca em risco a existência da pesca artesanal, pois como são pescadores artesanais, ou seja, utilizam embarcações de pequeno porte e pesca com meios próprios ou em parceria, estes trabalhadores não conseguem pescar em outras áreas, pois não possuem condições materiais para se afastarem da encosta. O líder dos pescadores nos relata que desde a entrada da TKCSA na região muitos pescadores foram obrigados a abandonar a profissão:

“Quando essa siderúrgica chegou em 2006, tínhamos cadastrado nas colônias e associações de pesca 8.075 pescadores. Hoje certamente, quase com toda certeza somos até mil trabalhadores na pesca vivendo da pesca. Temos até mil pescadores isso em apenas cinco anos. Só com o primeiro empreendimento que foi a CSA. Com os outros que estão chegando será o nosso fim. Será o fim da pesca artesanal na Baía de Sepetiba. Isso ocorre rápido, muito rápido e em pouco tempo iremos ser muito poucos.” (Líder dos pescadores, 2011)

Cabe mencionar que a TKCSA é um dos empreendimentos que começaram a se instalar na região. No mapa II, que apresentamos no capítulo anterior consta, além da TKCSA, o Porto de Itaguaí, o Porto Sudeste e o Estaleiro Naval da Marinha, os dois últimos em construção. Este mapa foi elaborado no início da nossa pesquisa, mas já podemos perceber que em breve este mapa terá de ser refeito, pois diversos outros empreendimentos pleiteiam se instalar na Baía de Sepetiba: Petrobras, Usiminas, Vale, entre outras empresas. Na maioria dos casos, conforme já observamos no capítulo anterior, empresas ligadas a expansão da produção mineral no Brasil, assunto que merece maiores análises.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O modelo de desenvolvimento realizado no Brasil neste início de século repete o caráter opressivo de outros momentos desenvolvimentistas da história do país, em que as classes populares são submetidas a transformações do espaço geográfico, que alteram os seus modos de vida. A exploração da natureza e das pessoas continua sendo a via para que as grandes corporações viabilizem seus negócios, ganhando fartos lucros. É um modelo que desrespeita a história dos lugares, que no caso dos pescadores artesanais da baía de Sepetiba é marcada pela forte interação com a natureza.

As reestruturações produtivas obedecem sempre a um processo totalizante, o que nos exige pensar nas escalas local, regional, nacional e global. Neste caso, é importante entender a atuação do Estado, que fomenta os grandes projetos. Esta é uma matéria que ainda temos muito que avançar, pouco temos discutido sobre o papel do Estado e a lógica de suas ações.

Ainda estamos iniciando nossas pesquisas em Sepetiba, por esta razão, nossas contribuições são mais questões do que afirmações: Que caminhos para uma sociedade em que não há respeito da diversidade de usos do espaço geográfico? Como se articulam os interesses, do Estado e das corporações, na apropriação do território? Que contribuições a análise do modo de vida dos pescadores artesanais pode oferecer no momento em que palavras como “sustentabilidade” e “economia verde” estão na moda?

## **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Estudo de Impacto Ambiental da Usina Siderúrgica CSA. Rio de Janeiro: ERM BRASIL LTDA, 2005. Disponível em <http://www.observatoriodopresal.com.br/?tag=tk-csa> (ultimo acesso em 02/11/2012)

GONÇALVES, Carlos Walter. A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Instituto Brasileiro de Mineração. Levantamento Estatístico dos Investimentos em Mineração – 2012. Disponível no site: <http://www.ibram.org.br/> (ultimo acesso em 02/11/2012)



**IIº SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**  
03 a 06 de junho de 2013

Eixo Temático 3 – Indústria e Infraestrutura no litoral: contextos e conflitos

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5ª edição – São Paulo: Editora da Universidade do Estado de São Paulo, 2008.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Territórios da Sociedade: por uma cartografia da ação. In: Silva, Cátia Antônia da. Território e Ação Social: sentidos da apropriação urbana. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.